

Representações sobre o trabalho doméstico: Revista Claudia e a imprensa feminista (1970-1989)

Soraia Carolina de Mello¹

Resumo: Os embates entre a imprensa feminista militante e a imprensa chamada feminina, aquela comercial voltada às mulheres, se evidenciam ao lançarmos o olhar sobre essas diferentes, para não dizer antagônicas, abordagens ao público feminino. Os feminismos contemporâneos, assim como suas publicações, emergiram no Brasil na década de 1970 muito engajados no marxismo e na luta contra a ditadura militar. Dentro dessa perspectiva, havia grande enfoque nas mulheres das classes trabalhadoras. Os debates sobre trabalho doméstico não foram exceção nesse aspecto, e afirmações como as de que mulheres das classes mais abastadas não executavam o trabalho doméstico em si, foram feitas.

Inúmeros serviços que as mulheres de camadas médias ofereciam a seus grupos familiares, como escolher a escola mais apropriada para os filhos, levá-los a aulas de natação ou judô, preparar jantares para os colegas de trabalho do esposo ou planejar viagens de férias, que surgem repetidamente na Revista **Claudia**, não são atividades mencionadas pelos periódicos feministas quando abordam o trabalho doméstico, evidenciando a dissonância de discursos. É a partir da observação dessas representações conflitantes que esta comunicação busca explorar brevemente os diversos sentidos que foram atribuídos ao trabalho doméstico nestes meios de comunicação.

Palavras-chave: imprensa feminina, imprensa feminista, trabalho doméstico.

Os embates entre a imprensa feminista militante e a imprensa chamada feminina, aquela comercial voltada às mulheres, se evidenciam ao observarmos essas diferentes, para não dizer antagônicas, abordagens midiáticas ao público feminino. Os feminismos, assim como suas publicações - neste trabalho me embaso em três diferentes periódicos, o **Brasil Mulher** (1975-80), o **Nós Mulheres** (1976-78) e o **Mulherio** (1981-1988) –, emergiram no Brasil na década de 1970 muito engajados no marxismo e na luta contra a ditadura militar. Ao estudar o trabalho doméstico através dos feminismos, nas décadas de 1970 e 1980, a problematização deste por parte dos grupos feministas se confirma, e as formas como as mulheres, no coletivo, foram prejudicadas por serem designadas socialmente como as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico, aparecem como foco do debate.

A bibliografia feminista têm ampliado a gama de atividades que são consideradas trabalho doméstico, visibilizando a grande quantidade de horas que as mulheres gastam semanalmente na manutenção de seus lares e grupos familiares, e cada vez mais se destaca a questão como um problema público, coletivo e político, e não privado e familiar apenas.

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ingresso 2011, bolsista de doutorado CAPES com o projeto “Discussões feministas na imprensa para mulheres: revista Claudia e o trabalho doméstico (1970-1989)”. E-mail: soraiaa.mello@gmail.com

Entretanto, as produções feministas – mais as periódicas que as bibliográficas – no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, ao entenderem o trabalho doméstico principalmente como lavar/varrer/cozer/limpar – devido seu foco nas mulheres das classes trabalhadoras –, acabaram invisibilizando grande parte do trabalho que as mulheres desempenhavam para suas famílias. Muito dos serviços que as mulheres de camadas médias ofereciam a seu grupo familiar, como escolher a escola mais apropriada para os filhos, levá-los a aulas de nataçao ou judô, preparar jantares para os colegas de trabalho do esposo ou planejar viagens de férias, por exemplo, não são atividades mencionadas pelos periódicos feministas quando abordam o trabalho doméstico.

Diante do exposto, as representações imagéticas acerca do trabalho doméstico são muito diferentes nesses dois tipos de imprensa. Podemos, claro, relacionar essas diferenças com a lógica mais conservadora das revistas femininas, que não têm interesse que as donas de casa abandonem totalmente o trabalho doméstico, em contrapartida às intenções transformadoras dos periódicos feministas, que buscam em última instância uma reestruturação social para que as mulheres deixem de ser penalizadas pelas horas diárias de trabalho gratuito e desvalorizado que oferecem às suas famílias.

Esses aspectos serão observados neste trabalho, sem deixar de levar em conta que, se por um lado, a revista **Claudia** buscou garantir a continuidade das donas de casa executando suas tarefas no seio familiar, por outro, as representações vitimizantes do trabalho doméstico presentes nos periódicos feministas não abordaram outras donas de casa e outros tipos de trabalho doméstico muito diferentes daquele presente nas classes trabalhadoras mais empobrecidas. É importante pensarmos também sobre até que ponto as representações feministas vitimizantes das donas de casa, assim como das empregadas domésticas não desconsideraram essas mulheres como agentes transformadores e não desconsideraram suas resistências diárias, entendendo o feminismo e a própria esquerda como uma espécie de vanguarda salvadora que precisava ser levada às mulheres trabalhadoras através do trabalho de base (é importante citar esse aspecto, uma vez que os periódicos feministas da década de 1970 utilizados nesse trabalho foram usados dessa forma pelos grupos feministas). É a partir destas questões que algumas das representações do trabalho doméstico serão observadas nos periódicos feministas e na revista **Claudia** no decorrer desta comunicação.

A dona de casa nos feminismos das décadas de 1970 e 1980

Os feminismos do Ocidente, desde a década de 1960 em países do Norte ou desenvolvidos, e principalmente desde os anos 1970 no Brasil e outros países sul-americanos, discutiram as formas através das quais a função de dona de casa, posta como destino inquestionável das mulheres, construiu suas identidades e as colocou, historicamente, em posições subalternas em diferentes sociedades através do mundo. A naturalização do trabalho doméstico como feminino, embasada em naturalizações que se referem principalmente à maternidade, serviu de suporte à separação, segundo as feministas, liberal, artificial e fantasiosa (TODARO, 2004, p.15-32), das esferas pública e privada. A invisibilidade e desvalorização deste trabalho, que ocupava e ocupa jornadas intermináveis de milhões² de mulheres, foram discutidas pensando essas trabalhadoras não pagas como uma categoria, não salariada, explorada em unidades domésticas individuais das quais, pelos laços afetivos e familiares, jamais poderiam se libertar. Uma dona de casa não poderia demitir-se do seu trabalho, e os feminismos compararam o trocar de patrão, no mercado das donas de casa, ao trocar de esposo, que de forma geral era muito complicado, quando não inviável³.

Muitas teóricas feministas, entre as décadas de 1970 e 1980, fizeram amplas conceituações do trabalho doméstico, tentando demonstrar toda a gama de atividades, físicas e intelectuais, que faziam parte do dia-a-dia das mulheres. Por um lado, muitas apontaram o trabalho doméstico como pouco desafiador, monótono e repetitivo e, portanto, esse seria o seu problema, uma vez que mulheres adultas se sentiam desestimuladas e depressivas por desempenhar este e apenas este tipo de trabalho em suas vidas. Por outro lado os feminismos (ou outros feminismos, outras feministas...) apresentaram um importante contraponto a essas observações, avaliando que, se algumas das funções de dona de casa são monótonas, repetitivas e pouco exigentes, outras são pesadas, estressantes, e mobilizam muito da energia física e mental de quem as desempenha. Esse contraponto também vê nas mulheres os efeitos negativos do trabalho doméstico, mas os enxerga de forma mais ramificada, observando inúmeras causas de mal estar, assim como inúmeras atividades desempenhadas, que variam conforme a dona de casa, o lugar em que sua família vive, sua renda familiar, sua religião ou cultura.

² Para não dizer bilhões.

³ Vale lembrar que o divórcio só foi aprovado e regulamentado no Brasil em 1977.

Dessa forma, é importante termos em vista que as discussões feministas acerca do trabalho doméstico que foram realizadas ou circularam pelo Brasil nas décadas de 1970 e 1980 não são homogêneas. Entretanto, algumas características em comum podem ser observadas, e as querelas dentro dos feminismos a respeito da função de esposa e do trabalho doméstico nos ajudam a vislumbrar de forma mais geral o debate do período.

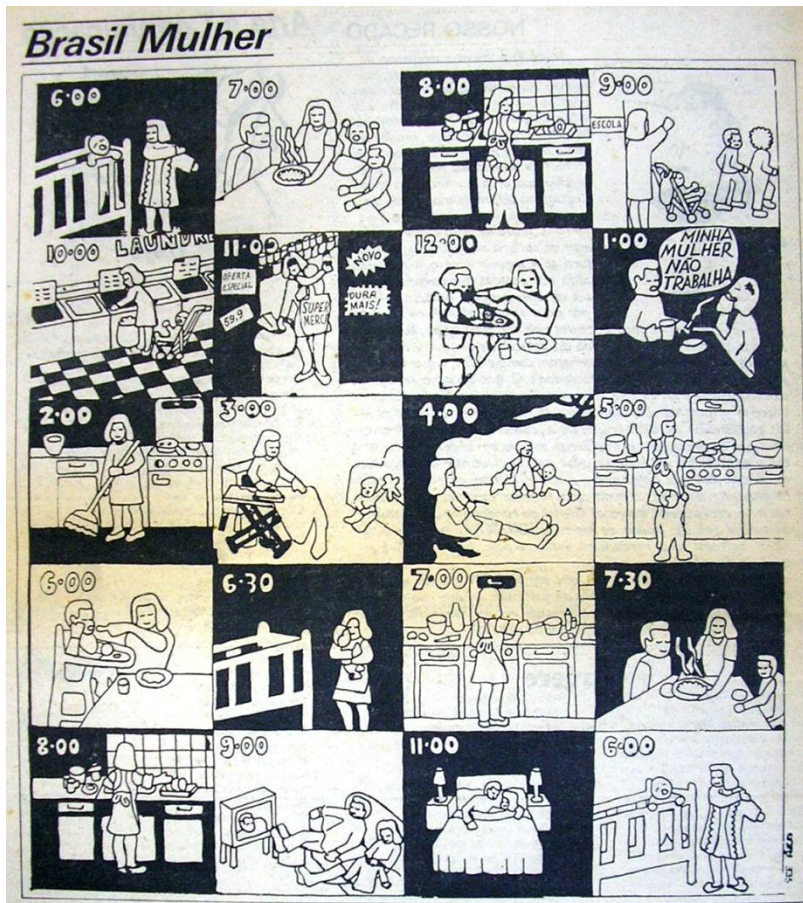
Uma questão que parece ser importante é uma diferenciação, nunca tão explícita, mas que pode ser observada nas entrelinhas, entre trabalho doméstico e função de esposa, ou executar o trabalho doméstico e ser uma dona de casa. Era senso comum e nunca encontrei, nos textos do período, divergências sobre o fato das donas de casa (as que cumpriam dupla jornada ou não) serem as responsáveis pelo trabalho doméstico. Ou que eram principalmente esposas que executavam o trabalho doméstico. Entretanto, as funções de esposa extrapolavam o que era entendido como trabalho doméstico, e era avaliado que algumas esposas, as que pertenciam a famílias mais abastadas principalmente, não executavam o trabalho doméstico. Podiam até ser responsáveis por ele, gerenciavam, por assim dizer, a casa e quem os executava. Mas nem sempre essa atividade de gerenciamento foi colocada nos escritos feministas como trabalho.

É consenso na bibliografia que as donas de casa têm uma jornada inesgotável, uma vez que uma xícara na pia às 23h30 traduz-se em trabalho, e uma criança chorando às 5h ou 3h da manhã também. Mas o **Nós Mulheres**, ao comentar em seu primeiro editorial que algumas mulheres não precisam passar o dia lavando, passando e cozinhando porque contratam alguém para isso, não se pergunta o que fazem essas mulheres durante seu dia. Que tipo de trabalho estende-se na jornada interminável destas mulheres? No oitavo número do **Brasil Mulher**, de 1977, há uma tirinha que denuncia a invisibilidade e a longa jornada de uma dona de casa, e nesta é interessante observar a forma como o trabalho se distribui durante o dia, como podemos verificar na Figura 1, abaixo.

O fato de mostrar a dona de casa executando todo o trabalho sozinha, sem nenhuma ajuda, pode ser uma forma de explicitar a quantidade de trabalho e a longa jornada de uma trabalhadora apenas, sozinha, uma vez que ela é a responsável por este trabalho, tendo ajuda ou não. Não quer dizer necessariamente que se trate de uma dona de casa despossuída, e a falta de maiores informações sobre a tirinha pode nos levar a pensar que talvez ela originalmente nem tenha sido feita no Brasil. Considerando a circulação de textos e escritos discutindo *a condição da mulher* nesses anos, essa é uma hipótese plausível. Nesse caso, em um quadrinho produzido em um país onde a desigualdade de renda não fosse tão marcante

quanto o era na América do Sul e, portanto, o emprego doméstico não fosse tão acessível às camadas médias, poderia tratar-se de uma família com um alto padrão de consumo, sem necessariamente ter ajuda remunerada no lar.

Figura 1



4

De um modo ou de outro, apesar da tirinha centrar-se nas atividades que geralmente são consideradas como trabalho doméstico - lavar, passar, cozinhar, comprar alimentos e cuidar das crianças -, o tempo livre da dona de casa é preenchido com outros tipos de trabalho, como a confecção de roupas de tricô e a própria atividade sexual com o esposo. A pergunta que persiste é, se fossem retiradas, do dia da dona de casa, as atividades

de limpar, lavar, passar, cozer, como ela utilizaria seu tempo? Ela teria tempo livre, tempo de lazer? O que era considerado tempo de lazer para uma mãe de família? Levar as crianças à praia? Um piquenique? Tricotar embaixo de uma árvore enquanto o bebê brinca no parque? Isso tudo não é trabalho?

Também no **Mulherio**, jornal publicado em São Paulo entre 1981 e 1988, no qual o viés de luta de classes já não é tão marcado quanto no **Brasil Mulher** ou no **Nós Mulheres**, uma espécie de redução das atividades de dona de casa surge em uma charge, reproduzida na Figura 2. Pensa-se aqui em redução, porque a charge coloca a dona de casa como executora das atividades de uma empregada doméstica. É senso comum que as empregadas domésticas são contratadas para realizar o trabalho que se aceita como o da dona de casa, de lavar, limpar, cozinhar, vigiar e cuidar das crianças, levá-las a determinados lugares entre outros.

⁴ **Brasil Mulher** (1977). São Paulo, Ano 2, nº 8, p. 14.

Figura 2



5

Entretanto, não eram em todas as famílias que as empregadas domésticas tinham ou têm autonomia para fazer compras, decidir sobre os gastos referentes às atividades domésticas, como supermercado e feira, repassar valores morais e atenção psicológica às crianças e principalmente ao esposo, receber visitas importantes para a família, viajar com as crianças etc. Sem contar, é claro, o trabalho biológico de reprodução desempenhado pela dona de casa.

A noção de disponibilidade sexual como parte das funções de esposa, que eventualmente, por uma série de relações, paternalistas, patriarcais, misóginas e raciais, poderia ser transferida (COSTA, 2002) à empregada doméstica, não era algo socialmente aceito e sacramentado pela Igreja e pela lei. A disponibilidade sexual e reprodutiva da esposa ao seu marido o era. Dessa forma, podemos considerar que a função de esposa, o que busco entender como sinônimo de trabalho doméstico, inclui os serviços prestados por uma empregada doméstica, mas extrapola esses serviços.

Rosalba Todaro, em 1982 (p. 16-7), escreve que em países onde o emprego doméstico não era tão comum ou barato quanto na América Latina, o número de mulheres com alto grau de instrução no mercado de trabalho era menor. Quer dizer, a libertação das mulheres do *Sul* estaria ocorrendo às custas do serviço doméstico? Qual libertação e quais mulheres seriam essas? É uma questão difícil de responder, porque pouco se falou e fala a respeito. Afinal, de que forma lidavam (e lidam) as patroas feministas com essas situações?

Enfim, essa é uma discussão polêmica, que em nenhum momento foi absolutamente superada pelos feminismos brasileiros e que mantêm-se atual. O que Suely Gomes Costa chamou, em 2002, de *maternidade transferida*, ou seja, a transferência a outra mulher, contratada, das funções de esposa, maternais, da dona de casa, segundo a própria autora não exime a dona de casa das responsabilidades pelo bom andamento do lar, e a garantia sempre

⁵ " - O que você acha que eu sou? Sua empregada? - Por enquanto não posso me permitir esse luxo, por isso se atenha às suas obrigações de mulher." **Mulherio** (1981). São Paulo, Ano 1, nº 3, setembro/outubro, p. 07.

oferecida pela mulher de que as redes de substituição de seu trabalho sejam infalíveis. Essas redes podem contar com o apoio de creches, babás, empregadas domésticas, lavanderias ou restaurantes a quilo, mas organizar e administrar esse apoio, e garantir que ele não seja danoso à família (como contratar uma creche que não ajude a desenvolver as potencialidades da criança; comprar comida pronta que não seja adequadamente nutritiva à família, entre outras questões), é função da esposa, é trabalho doméstico e, por questões principalmente culturais, nem sempre é transferível a outra pessoa.

Essa obrigatoriedade da dona de casa, da mãe de família, na execução das tarefas, como se ninguém mais pudesse fazê-las com a mesma maestria, cuidado e preocupação, está ligada à noção de amor familiar, e as feministas das décadas de 1970 e 1980 no Brasil a problematizaram como *um trabalho chamado amor*. Muitas das publicações feministas do período relacionaram o trabalho familiar indissociável do amor familiar com a figura da rainha do lar, e é interessante observar o uso subversivo que fizeram deste termo. Além da chamada em uma matéria do segundo número do **Nós Mulheres**, *A rainha do lar não tem cetra nem coroa*, esse tipo de subversão do termo podia ser encontrado também na grande imprensa do período, o que nos leva a considerar as formas como as discussões feministas acerca do trabalho doméstico circularam para além dos meios feministas. Como exemplo temos a imagem abaixo, retirada do **Folhetim**, um encarte especial da *Folha de São Paulo*, comemorativo do dia 8 de março de 1981.

Figura 3

6
Discussões sobre como o lar é um espaço de poder para as mulheres são feitas em nossos dias⁷ mas,



no período e nas fontes consultadas, o objetivo era praticamente oposto: denunciar o lar como espaço de clausura para as mulheres, que as afastava das esferas públicas de poder político e econômico. Sob essa perspectiva, o termo *rainha do lar* simbolizaria nada mais que amarras, que falta de liberdade de escolha. Aliás, a questão da liberdade de escolha surge

⁶ **Folhetim**. São Paulo, nº 216, domingo, 8 de março de 1981. “A única escrava com título de nobreza é a rainha do lar.”

⁷ Principalmente se embasando na ideia de micropoderes, mais difusos e menos estagnados que os macropoderes políticos e econômicos correntes nas discussões apresentadas pelas fontes. Um exemplo corriqueiro pode ser encontrado em SILVEIRA, 2008, p. 55-66, quando a autora afirma a persistência das mulheres em se manterem no espaço privado por considerarem esse um espaço delas, que se por um lado as onera pelo trabalho, por outro as empodera como espaço de tomada de decisão e exercício de poder na família.

problematizada, como por exemplo pela espanhola Maria Angeles Duran, em obra publicada no Brasil em 1983 (p. 08): “As trabalhadoras domésticas não escolheram livremente o seu trabalho, porque não se pode chamar opção livre àquela que apresenta como alternativa aparente a renúncia ao amor, aos filhos e ao lar.”

Esses debates serão importantes para o nosso próximo item, onde buscaremos compreender o que a revista **Claudia** expunha como trabalho doméstico. Por um lado, a bibliografia feminista do período pode ser um pouco restritiva sobre aquilo que poderia ser entendido como trabalho doméstico, o que exigiria recorrer à bibliografia contemporânea para buscar na revista a noção ampla de trabalho doméstico que queremos alcançar. Entretanto, obras como a de Danda Prado (1979) e textos como o de Christine Dupont (1978) podem nos oferecer suporte teórico para considerar uma ampla gama de atividades realizadas pelas mulheres, em seus lares, para seus esposos e suas famílias, como trabalho doméstico.

Esse fato é enriquecedor por possibilitar fomentarmos um diálogo sobre a temática do trabalho doméstico marcado no tempo, ao mesmo tempo em que as problemáticas atuais da questão são levadas em conta. Além disso, pode nos ajudar a observar de que formas essa revista comercial e conservadora, que em muitos sentidos representava uma inimiga ideológica dos feminismos do período, pode nos prestar informações sobre as quais estes feminismos não estavam interessados em discorrer: quais tarefas preenchiam o dia das donas de casa das camadas médias? Quais as significações do trabalho no lar para estas mulheres? Em que sentidos o trabalho doméstico descrito pelos escritos feministas do período e pela revista **Claudia** são semelhantes? Em quais não são? Não há expectativas de encontrar toda a análise e caráter de denúncia da invisibilidade e desvalorização do trabalho doméstico na revista **Claudia**, como encontramos de forma extensa nas fontes feministas. Mas alguma luz pode ser lançada sobre aspectos que as fontes feministas deixaram na penumbra.

O trabalho doméstico na revista Claudia

Talvez a primeira das questões postas que, para os fins desta comunicação, seja importante responder neste item, é aquela que busca observar quais são as atividades que as donas de casa de camadas médias executavam nos anos 1970-80, ao menos segundo a revista **Claudia**. Na tentativa de discorrer mais especificamente sobre estas atividades, o trabalho encontrado na revista foi organizado em 12 categorias. Para começar a organizar as atividades, parti de sete itens elencados por Danda Prado (1979) quando ela tenta englobar

todas as funções de esposa. A estes itens, acresci mais cinco, para listar as atividades das donas de casa que encontrei repetidas vezes em **Claudia**. Dessa forma, elencaram-se os seguintes itens: 1) tarefas de cunho psicológico; 2) tarefas de cunho sexual; 3) reprodução biológica e social; 4) reprodução psicológica e afetiva; 5) manutenção e reprodução da força de trabalho; 6) cooperação no trabalho do marido; 7) educação dos filhos; 8) decoração; 9) auto manutenção da mulher (para que ela sempre possa estar disponível à família, seja para trabalhar para ela, seja para ser exibida em eventos sociais); 10) escolher, ter e cuidar dos animais domésticos; 11) artesanato e trabalhos manuais; 12) contratar prestação de serviço.

É importante deixar claro que muitas destas atividades listadas em novos itens poderiam ser distribuídas nos itens já colocados por Danda Prado, e que diferentes formas de organizar essas atividades seriam viáveis. Ao mesmo tempo, muitas das atividades caberiam em mais de um item, sendo que o artesanato muitas vezes está ligado ao orçamento doméstico e economia, que ficou no item 5, e também ao apoio psicológico às crianças, que faz parte da educação, no item 7, ou do fortalecimento de laços entre o pai e os filhos, que está no item 4. Entretanto, este foi apenas um exercício na tentativa de dar visibilidade às atividades que a revista sabia que as donas de casa realizavam, assim como atividades que a revista propunha às donas de casa realizar, mas nem todas realizavam. Quer dizer, seria impossível uma dona de casa conseguir realizar todas as atividades propostas mensalmente pela revista, e ainda cumprir as obrigações básicas, de limpar, lavar, passar, cozinhar e atender os membros da família.

Diante disso, e tendo em vista as observações dos periódicos feministas de que muitas mulheres de camadas médias não executavam o trabalho doméstico em si (o que entendemos aqui como o básico e indispensável para manter a saúde e o mínimo de bem estar do grupo familiar - as pessoas se alimentarem, não adoecerem por falta de higiene, terem onde descansar no fim do dia etc.), as atividades observadas em **Claudia** são bastante específicas. Quando fazem parte das atividades básicas de limpar/lavar/cozinhar, costumam aparecer na revista de forma bem particular: lavar cortinas, tirar manchas, limpar portas, plantas, encerar melhor o chão ou preservar por mais tempo as roupas; preparar *drinks* ou tirar o gosto do arroz queimado. Isso não quer dizer que essas mulheres não cozinhassem diariamente, não lavassem a roupa de sua família, não limpassem banheiros e aspirassem ou varressem a casa.

Um exemplo não muito comum na revista pode ser encontrado no número 165, de junho de 1975. A primeira página do artigo "Enfrente a rotina da limpeza com um sorriso"

traz: "Com bom humor é mais fácil fazer a limpeza de sua casa" e mais abaixo discorre melhor

Não pense nos panos de pó e na vassoura como se eles fossem seus inimigos, nem fique aborrecida só em pensar que sua casa está precisando de uma boa faxina. Veja como é fácil tornar a rotina da limpeza mais amena e conheça alguns truques que podem facilitar seu trabalho.

A própria existência dessa reportagem já denuncia o trabalho como cansativo e pesado. É importante destacar que os truques para facilitar o trabalho, que estão dispostos por toda a revista, estão também presentes aqui. O tom geral da reportagem mostra que as donas de casa fazem mesmo essas tarefas, portanto, melhor fazê-las com bom humor, assim o tempo passa mais rápido e elas se tornam tarefas menos estafantes. Não se questiona que as donas de casa são as pessoas que fazem essas tarefas, isso não é assunto de discussão, está posto. Mas segundo a reportagem, elas podem ser feitas cantarolando, por uma dona de casa bonita, produzida, feliz, radiante.

Por conseguinte, não seria razoável relacionarmos o fato de **Claudia** trazer muitas dicas para tarefas específicas, como tirar manchas ou decorar o banheiro, com a ideia de que essas mulheres, que bordam almofadas, não varrem o chão nem lavam a roupa. Lembrando-nos das descrições de Maria Angeles Duran, de como as meninas são socializadas para serem trabalhadoras domésticas desde a tenra infância⁸, seria um disparate a revista se propor a ensinar a essas meninas, depois de crescidas e casadas, como se lava a louça ou limpa o banheiro. A revista precisa buscar algo novo, algo que aprimore essa trabalhadora, que a torne cada vez mais especializada, como explica também Maria Angeles Duran (1983, p. 59-61) que, ao comparar uma dona de casa iniciante e uma dona de casa superespecializada, com anos de experiência, faz um paralelo com um ajudante de cozinha e um *chef*.

Observando as 12 categorias de trabalho doméstico retiradas das páginas de **Claudia**, fica evidente a variedade de tarefas que uma dona de casa executa ou pode executar. Não espera-se que uma dona de casa sozinha realize todas aquelas tarefas sempre, mas são tarefas as quais, quando precisam ser feitas, via de regra, o são pelas donas de casa, ou ao menos o eram no período da pesquisa. Em seu número 241, de outubro de 1981, a revista traz um artigo intitulado "Preocupações de mãe", e a primeira página dele, com o título e a chamada, nos é bastante ilustrativa, conforme pode ser observado na Figura 4, abaixo.

⁸ Sobre tal aspecto consultar TORRES, 1988, p. 19 e DURAN, 1983, p. 13-15 e 29-30.

Figura 4



⁹ Na imagem temos uma mulher, sem rosto, de unhas feitas, usando joias e uma aliança, segurando um utensílio de cozinha de forma a demonstrar certa preocupação. Ela veste um avental que traz, além do título do artigo, uma lista de 37 diferentes preocupações que afligem as mães de família de camadas médias, e um indicativo para marcar abaixo a preocupação do dia. Quer dizer, mesmo que as 37 preocupações listadas sejam apenas exemplos, tem-se claro que ao menos alguma preocupação, todos os dias, a dona de casa tem. A variedade

de preocupações, que traduzem responsabilidades e trabalho, vai de encontro, em menor escala, à variedade de tarefas desempenhadas pelas donas de casa que encontrei nas páginas de **Claudia**: Feijão preto não há; A empregada vai embora; Hoje tem dentista; Ainda sou atraente?; Dor de cabeça; Dor na coluna; O resfriado do garoto; A filha ficando mocinha; Meu marido não coopera; O chefe dele é um carrasco; O dinheiro está curto; Esqueci da pílula; A garota está namorando; Será que estão transando?; Crianças estão em provas; Não tenho nada para vestir; Meu cabelo está uma droga; A comida do cachorro; Assaltaram os vizinhos; Vale a pena caderneta de poupança?; Carro enguiçado; Filha casada mudando para longe; O tempo está doido; O namorado da caçula faz o quê?; A sopa não saiu boa; Meu marido chegou alto; Vão reclamar do jantar; Estou enorme de gorda; Mancharam o meu sofá; Imposto predial e

⁹ **Claudia**, (1981), São Paulo, nº 241, Ano XXI, outubro, p. 396.

condomínio; Presente de aniversário; Minha filha vai dar a luz; Avó aos 43 é horrível; O baby vai ser lindo; Filho dirigindo sem carteira; Minha vida é ótima; Mas é dose pra leão.

Os dois últimos itens trazem o tom de grande parte das reportagens da revista voltadas às donas de casa: a rotina é cansativa, tensa e estafante, mas é a vida que você sonhou ter, e pode ser muito gratificante. Além disso, **Claudia** busca constantemente amenizar a rotina com dicas de como organizar o dia, como cozinhar receitas rápidas e saborosas. Muitos artigos, como o "Preocupações de mãe", deixam claro que dona de casa mesmo é aquela que tem filhos¹⁰, ou ao menos pretende ou está tentando ter, e como as funções de esposa, mãe e dona de casa se confundem. Assim sendo, problemas de fertilidade do casal são uma questão central na vida das donas de casa, e elas precisam buscar as soluções.

Para além da noção de prendas domésticas, que aparece em testes como no número 241, de outubro de 1981, em que se questiona "será que você tem diploma nesta área?", a felicidade familiar parece ser a maior responsabilidade da dona de casa. É uma responsabilidade ampla e complexa, que inclui não somente agradar os membros da família, muitas vezes individualmente, preparando o prato preferido de um filho, deixando o marido escolher o que assistir na televisão à noite, preparando festas de aniversário, planejando as férias conforme a vontade dos outros, e não sua própria. É importante citar que grande número de vozes autorizadas, como psicólogos, psicólogos infantis, pediatras, pedagogos, sexólogos e conselheiros de casais, são utilizados pela revista em recomendações sobre como manter a felicidade familiar, desde a estabilidade no casamento, lidar com a sexualidade madura, até se é recomendável ou não ter uma babá, como lidar com o afeto da criança a esse tipo de profissional, ou qual o brinquedo mais apropriado para dar à criança.

A questão dos brinquedos, inclusive, rendeu algumas extensas reportagens, como "Dê o brinquedo certo", do número 123 de dezembro de 1971, ou "O brinquedo certo é o que a criança inventa", do número 193, de outubro de 1977. É comum que esse tipo de produção editorial da revista venha com endereços e telefones de lojas, nesse caso, de brinquedos não convencionais ou classificados por idade. Em outros casos, a recomendação é que a mãe produza ela mesma os brinquedos dos filhos. Esse tipo de artesanato ou prenda doméstica é frequentemente recomendada pela revista, como forma de demonstração de amor familiar, assim como uma maneira de controlar o orçamento, economizar, e inclusive está na categoria de atividades que são postas ou vistas como passatempo, terapia para a mãe dona de casa.

¹⁰ Nos número consultados foi encontrada uma reportagem apenas sobre a possibilidade do casal escolher não ter filhos para aproveitar melhor a vida a dois.

Além dos endereços e telefones de lojas no final de reportagens específicas, geralmente perto das últimas páginas da revista ficavam as "Compras de Claudia" ou "Achados de Claudia", uma seção com sugestões de produtos dos mais diversos, para a casa, os animais de estimação, as crianças, o bebê, a esposa ou o esposo. Entretanto, as "Compras de Claudia" são focadas em produtos, que podem ser embrulhados para presente, levados para casa. No fim de reportagens às vezes surgem os endereços e telefones de prestadores de serviço. Isso nos leva a ponderar que ao trabalho de compradora¹¹ das donas de casa se soma, quando as famílias têm condições financeiras para tanto, aquele de contratante de prestações de serviço.

Sobre as prestações de serviço, talvez a mais importante para as unidades domésticas das camadas médias seja o emprego doméstico. As dificuldades enfrentadas com as empregadas são citadas com certa constância por **Claudia**, como podemos observar na Figura 4, acima, quando a segunda das preocupações de mãe listadas é "a empregada vai embora". As reclamações sobre as empregadas estarem exigentes, não terem mais "Marias" como antigamente, do peso do salário da empregada no orçamento, surgem em artigos específicos sobre o tema.

A doméstica, como substituta em algumas das funções da dona de casa, é uma prestadora de "multisserviços", porque a dona de casa é, em última instância, uma prestadora de uma lista enorme de serviços para a sua família, como podemos observar nas 12 categorias de trabalho doméstico observadas em **Claudia**. Muito do trabalho feito pelas donas de casa ou ao menos sugerido pela revista que assim o fosse não foi explorado em profundidade aqui porque a lista é extensa. Ser uma boa mãe ou boa dona de casa contém em si um leque de funções, físicas, psíquicas e psicológicas, que envolvem desde cuidar, em todos os aspectos, dos idosos da família, até "criar os filhos sem erro", resolver detalhes como manchas no sofá, fazer as malas para a família toda para depois ser apontada como aquela que "gosta de carregar muita coisa", ou cuidar dos bens da família, que incluem o imóvel ou o automóvel, mas também os eletrodomésticos e as roupas.

Parece ser importante pensar, tanto nos eletrodomésticos como nos serviços das empregadas ou faxineiras, como algo que pode ser comprado para substituir a dona de casa

¹¹ Estou separando aqui o ato de comprar do ato de consumir, conforme propõe Maria Elisabeth Goidanich (2012, p. 23). É comum ouvirmos e usarmos a figura da consumidora como sinônimo de compradora, mas se formos pensar em uma unidade doméstica, toda a família é consumidora do trabalho da esposa, assim como toda a família é consumidora dos produtos que são comprados. Apesar disso, é trabalho geralmente da dona de casa comprar o que a família precisa, desde alimentos até móveis, e também prestação de serviço, o que quer dizer que além de compradora, ela atua como contratante.

em certas atividades, como prestações de serviço que cumprem parte da função de esposa, uma vez que sua crescente inserção no mercado de trabalho vinha prejudicando a qualidade e a quantidade (em horas e volume) de seu trabalho prestado à família. Entretanto, apenas parte deste trabalho podia e ainda pode ser assim substituído, em grande parte por questões principalmente culturais. Comenta-se como as donas de casa que cumprem dupla jornada otimizam seu tempo para conseguir realizar o trabalho remunerado e o trabalho doméstico, questão que é amplamente tratada pela bibliografia, desde Betty Friedan (1971) até periódicos e textos feministas dos anos 1980 no Cone Sul (MELLO, 2011). Já no caso das mulheres que são exclusivamente donas de casa¹², o trabalho estende-se durante o dia. As atividades são realizadas de forma mais detalhada e atividades diferentes são incorporadas ao trabalho, de forma a preencherem o dia e muitas vezes também a noite.

É consenso na bibliografia que as donas de casa têm uma jornada inesgotável, uma vez que uma xícara na pia às 23h30 se traduz em trabalho, e uma criança chorando às 5h ou 3h da manhã também. E quando são substituídas em um tipo de trabalho, prestam outros serviços, mais sofisticados ou elaborados, ou simplesmente diferentes, para suas famílias. Sendo assim, esse rápido olhar sobre **Claudia** nos ajuda a inferir sobre quais atividades, que tipo de trabalho estendia-se na jornada interminável das donas de casa de camadas médias. Este era sem dúvida um trabalho diferente daquele das donas de casa das camadas populares, muito descrito pelos periódicos feministas, mas a extensa lista encontrada em **Claudia** descrevendo as atividades propostas às donas de casa nos ajuda a ponderar a questão. Parece razoável não considerar serviços prestados à família como trabalho doméstico, apenas porque são diferentes de varrer, passar ou cozinhar?

Fontes

Brasil Mulher, (1975-1980), São Paulo, completo.

Claudia, (1970-1989), São Paulo, números 101, 104, 106-111, 116, 118-123, 125-131, 133-136, 138, 139, 141-145, 147-154, 156, 159, 161-165, 167-169, 171, 174-185, 187-190, 192-232, 234, 236-238, 240-244, 246-248, 252-255, 257-259, 262, 264, 265, 272, 274, 282, 284, 299-302, 304-310, 312, 314, 315, 317-319, 322-332, 334, 339.

¹² Essa diferenciação é importante. Muitas das estatísticas realizadas na década de 1980 consideram donas de casa apenas aquelas mulheres que são exclusivamente donas de casa, ignorando o fato de que as mulheres que possuem ocupações remuneradas, a domicílio ou fora de casa, são também em sua esmagadora maioria donas de casa, ainda mais no tempo do recorte da pesquisa do que nos dias atuais.

Folhetim, (1981), São Paulo, nº 216, domingo, 8 de março.

Nós Mulheres, (1976-1978), São Paulo, completo.

Mulherio, (1981-1988), São Paulo, completo.

Referências

COSTA, Suely Gomes (2002). Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: vol 10, n 2, CFH/CCE/UFSC.

DUPONT, Cristine (1978). **O inimigo principal**. In: Liberação da mulher: ano zero. Belo Horizonte: Interlivros.

DURAN, Maria Angeles (1983). **A dona de casa**: crítica política da economia doméstica. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FRIEDAN, Betty (1971). **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes.

GOIDANICH, Maria Elisabeth (2012). **Mamãe vai ao supermercado**: uma abordagem etnográfica das comprar para o cotidiano. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), UFSC.

MELLO, Soraia Carolina de (2011). **Trabalho doméstico**: coisa de mulher? Debates feministas no Cone Sul (1970-1989). Rio de Janeiro: Multifoco.

PRADO, Danda (1979). **Ser esposa** – a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense.

SILVEIRA, Maria Lucia da (2008). "Reflexão coletiva sobre quatro experiências de organização das mulheres na socialização do trabalho de alimentação". In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados**. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF.

TODARO, Rosalba (1982). El trabajo doméstico ¿Tarea de mujeres? Representou o Círculo de Estudios de La Mujer em encontro sobre trabalho doméstico assalariado em 31 de agosto de 1981, em Santiago do Chile. **ISIS** – Boletim Internacional. Itália/Suíça, nº 11-12, outubro/dezembro, p. 16-17.

TODARO, Rosalba (2004). Introducción general - Ampliar la mirada: trabajo y reproducción social. In: TODARO, Rosalba; YÁÑEZ, Sonia. **El trabajo se transforma**: relaciones de producción y relaciones de género. Santiago: CEM, p. 15-32. Disponível em http://www.cem.cl/pdf/trabajo_interior.pdf Acesso em 05/07/2013.

TORRES, Cristina (1988). **El trabajo doméstico y las amas de casa**– el rostro invisible de las mujeres. Mujer y Trabajo nº 2. Montevideo: CIEDUR.